

EDITORIAL

Estamos de parabéns! Uma parceria conjunta do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Associação de Exilados Políticos Portugueses, Association Mémoire Vive / Memória Viva, Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) - tutela URMIS, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Copenhaga, Casa da Esquina - Associação Cultural, ganhou o projecto europeu a que tínhamos concorrido, **#ECOS - EXÍLIOS, CONTRARIAR O SILÊNCIO: MEMÓRIAS, OBJECTOS E NARRATIVAS DE TEMPOS INCERTOS.**

Assim, durante dois anos e com um financiamento de cerca de 98 000 euros vamos poder desenvolver os projectos a que nos tínhamos proposto e que são, em resumo, os seguintes:

“Pacote Pedagógico #Ecos”:

- a) Exposição itinerante que dará visibilidade à dimensão material do exílio através da disponibilização de um acervo documental, visual e material. A partir da exposição promover-se-ão debates com o público.
- b) Visualidade - produção e visionamento do documentário “15 Rue du Moulinet”, espaço de exílio em Paris, onde viveram exilados, desertores e refractários portugueses. Como apoio às sessões de visionamento estarão disponíveis conteúdos da “Exposição itinerante”.
- c) Artes Performativas - leitura encenada da peça teatral: “Exílio(s) 61-74# O meu país é o que o mar não quer” e realização de um workshop participativo de teatro documental com actores, alunos/membros de associações e ex-exilados.

Estas actividades serão desenvolvidas em Portugal, França, Dinamarca e serão produzidas nas respectivas línguas.

Para além do “Pacote Pedagógico” e em estreita articulação com este, construir-se-á um Website que

divulgará as actividades do projecto e alojará o seu acervo digital.

O website constituirá a dimensão material de uma plataforma permanente de alojamento e difusão de conteúdos sobre a experiência de exílio na Europa “Plataforma Europeia de Reflexão sobre o Exílio”. Esta visa a promoção de um debate permanente sobre estas questões, assegurando tanto a continuidade do projecto, como o seu alargamento a outros grupos e públicos.”

Para nós AEP61-74 é a continuação do trabalho que temos vindo a prosseguir, com sucesso, de colocação e desenvolvimento no espaço público português e internacional dos tais objectos, memórias e narrativas dos tempos da ditadura e da guerra colonial, tempos verdadeiramente incertos. Muito trabalho se avizinha mas parece que isso não nos tem assustado até agora. Estamos de parabéns!

Publicamos, ainda, neste número um texto de Miguel Cardina, a quem agradecemos, de análise à exposição Refuser la Guerre Coloniale que decorreu em Paris na Maison du Portugal entre 19 de Abril e 5 de Maio.

Miguel Cardina é investigador do Centro de Estudos Sociais. Investigador associado do projeto MEMOIRS e coordenador do projeto CROME. É autor ou co-autor de vários livros, capítulos e artigos sobre colonialismo, anticolonialismo e guerra colonial; história das ideologias políticas nas décadas de 1960 e 1970; e dinâmicas entre história e memória.

A recusa da guerra e o abismo colonial

Numa das paredes da sala, incidindo no grande mapa esculpido em mármore branco que representa as navegações portuguesas do século XV e XVI, um foco de luz aponta para África e deixa entrever a sombra de Salazar fazendo o seu célebre discurso de Braga, em 1936, no qual declarou a

indiscutibilidade de Deus, da Pátria e da Família. Assim termina o percurso da exposição Refuser la Guerre Coloniale, organizada pela associação Mémoire Vive, e que esteve aberta ao público na Casa de Portugal da Cidade Universitária de Paris entre abril e maio passado. A exposição, concebida por Hugo dos Santos em parceria com o artista Ângelo Ferreira de Sousa e com textos de Victor Pereira, parte de um conjunto diversificado de documentos - jornais, fotografias, comunicados, vídeos - apresentados em nove capítulos temáticos que nos contam uma história que está simultaneamente além e aquém dos espaço-tempo que desenhou a guerra.

Começando com objetos através dos quais o Portugal de Salazar aprofundou o que o historiador Valentim Alexandre designou como “mito da sagrada herança” (1), acentuador do papel civilizador e cristianizador do colonialismo português, a exposição percorre a seguir o tema da emigração a salto, evidenciando contiguidades entre as chamadas “emigração económica” e “emigração política”, uma distinção nem sempre operativa para se entender os processos de envolvimento social e de resistência infrapolítica de amplas camadas populares então emigradas (2). À figura do emigrante passivo, bem-comportado e despolitizado - cujo trabalho da Mémoire Vive tem, de múltiplas formas, vindo a questionar - confrontam-se retratos da atividade política, cultural e associativa dos anos 1960 e 1970, com a questão da guerra colonial a ganhar crescente acuidade e presença. A produção editorial, a atividade dos Comitês de Desertores e das redes locais de solidariedade militante ou a ação dos grupos de oposição no exílio e dos movimentos de libertação africanos é posta em diálogo, mostrando o enquadramento sociopolítico através do qual se expressa a deserção, que aqui é entendida, de forma abrangente, como o gesto de recusa ativa da incorporação militar e da guerra.

A exposição não termina, porém, com o 25 de abril e o regresso de exilados e desertores. Muitos deles,

na verdade, tiveram de se debater no período democrático com intrincados processos de amnistia e regularização da sua situação. Não é em torno, porém, desses bloqueios biográficos que a exposição se conclui, mas sim numa indagação sobre as permanências do passado colonial no presente pós-colonial, que permite compreender aliás o modo como o tema do exílio e da deserção são vítimas de atritos memoriais que dificultam a sua desassomburada inscrição na memória pública. No resguardo de um biombo se esconde a sala Abyssal Colonial, na qual repousam obras, álbuns fotográficos e objetos sobre a experiência da guerra e da presença colonial em África dos portugueses, pano de fundo inescapável dessas narrativas de desafetação à tropa e a um conflito feito a contraciclo histórico que aqui se pretendem evocar.

O trabalho da associação Mémoire Vive, no qual se insere esta exposição e o colóquio a ela associado (3), faz parte de uma constelação recente de investigação histórica e de diferentes processos memoriais e artísticos envolvendo a deserção e a recusa da guerra. A este respeito, merecem alusão os dois volumes de testemunhos de desertores, refratários e anticolonialistas presentes em dois livros - Exílios (2016) e Exílios 2 (2017) - organizados no quadro da Associação de Exilados Políticos Portugueses (AEP 61-74). Com efeito, a criação da AEP 61-74, em novembro de 2015, acentua uma fase de maior visibilidade das memórias do exílio e da deserção, com a edição dos referidos volumes, alimentando um conjunto variado de debates e apresentações em Portugal e no estrangeiro, bem como reportagens nos meios de comunicação social e a realização de encontros académicos e discussões públicas sobre o tema.

A recente profusão de trabalhos e de atividades não significa que o tema da deserção tenha deixado de ser o que Enzo Traverso designa como uma “memória fraca” (4), ainda observada, em múltiplas circunstâncias, como um gesto política e moralmente inadequado, e a sua recordação como uma espécie

de desonroso desafio à memória da guerra e dos seus combatentes. Com efeito, a difícil assunção de uma guerra politicamente derrotada e o fecho traumático do ciclo imperial tenderam a produzir uma memória sobre a guerra colonial na qual - ainda que acentuando frequentemente a dimensão «trágica» ou «inútil» do acontecimento - sobressai uma leitura da participação no conflito como um gesto de dever e da figura do ex-combatente como alguém que fora vítima, ora dos «ventos da História», ora de uma guerra que fora obrigado a combater. Todavia, neste quadro, a memória da deserção acaba por fornecer um padrão mnemónico alternativo, com base na denúncia da violência e da injustiça da guerra e reivindicando formas distintas de considerar a articulação entre posicionamentos políticos e valores morais.

(1) Valentim Alexandre (1995), “A África no Imaginário Político Português (Séculos XIX e XX)”, Penélope, n.º 15, pp. 39-52.

(2) Sobre o tema, veja-se, por exemplo: Victor Pereira (2007), «Émigration, résistance et démocratisation. L’émigration portugaise au crépuscule de l’Estado Novo», Mélanges de la Casa de Velázquez, vol. 37, n.º 1.

(3) Refuser le Silence, decorrido a 4 de maio na Casa de Portugal - Residência André de Gouveia, com a participação de Hugo dos Santos, António Oneto, Victor Pereira, Fernando Carneira, Miguel Cardina, Silvy Crespo, Agnes Pellerin, Ângelo Ferreira de Sousa e Catarina Boieiro.

(4) Enzo Traverso (2012), O Passado, Modos de Usar. Lisboa: Edições UNIPOP, pp. 71-87.

#ECOS

exílios, contrariar o
silêncio: memórias,
objectos e narrativas
de tempos incertos